

Hesitação em narrativas infantis: o funcionamento gestuo-vocal na matriz multissemiótica

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3511>

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante¹
Laurenço Chacon Jurado Filho²

Resumo

Este artigo mostra o funcionamento das hesitações presentes na produção gestual e vocal de crianças com desenvolvimento típico de linguagem, especificamente em contexto dialógico de reconto de filme. Foram analisados dados de 25 crianças na faixa etária entre 2 e 6 anos de idade, distribuídas em cinco grupos com base na faixa etária. O recorte específico para a presente pesquisa consistiu nos dados de cinco crianças, uma de cada grupo: A: H. Q. (2;1); B: J.P. (3;3); C: G. B. (4;0); D: G.S. (5;4); E: V.C. (6;9). Os resultados da investigação permitiram: (i) discussão da passagem da noção de multimodalidade para a noção de multissemiose, tomando as hesitações como lugar privilegiado de observação, na medida em que indiciam o conflito do sujeito e suas dispersões na linguagem; (ii) demonstração da presença pluridimensional de gestos ritmados na hesitação, com predomínio dos icônicos e dos dêiticos na composição, corroborando McNeill (1992), para quem os gestos funcionam em dimensões que podem se superpor; (iii) descrição de como opera a matriz gestuo-vocal nesses pontos (simultânea, síncrona) mostrando como as hesitações se relacionam com o planejamento da fala e se organizam em dois planos simultâneos: um com foco no planejamento sintático-semântico, centrado na estrutura gramatical e dos conteúdos, e o outro com foco no planejamento morfológico-lexical, relacionado a escolhas de palavras, com destaque para a contraparte gestual específica desses planos, já que, no sintático-semântico sobressaíram-se os gestos icônico-ritmados e, no plano morfológico-lexical, os dêitico-ritmados, atuando de maneira pluridimensional.

Palavras-chave: hesitação; narrativas infantis; matriz gestuo-vocal; multissemioses; aquisição da linguagem.

1 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil; marianne.cavalcante@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; lourenco.chacon@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-8000-7672>

Hesitation in children's narratives: gestural-vocal functioning in the multisemiotic matrix

Abstract

This paper shows the function of hesitations in the gestural and vocal production of children with typical language development, in the production of narratives. Data from 25 children aged between 2 and 6 years old were analyzed, and divided into five groups based on age. The specific sample for this research consisted of data from five children, one from each group: A: H. Q. (2;1); B: J.P. (3;3); C: G.B. (4;0); D: G.S. (5;4); V.C. (6;9). The results of the investigation allowed: (i) discussion of the passage from the notion of multimodality to the notion of multisemiosis, taking hesitations as a privileged place of observation, insofar as they indicate the subject's conflict and its difficulties/fragmentations in language; (ii) demonstration of the multidimensional presence of rhythmic gestures in hesitation, with a predominance of iconic and deictic elements in the composition, corroborating McNeill (1992), for whom gestures function in dimensions that can overlap; (iii) description of how the gesture-vocal matrix operates at these points (simultaneous, synchronous) showing how hesitations are related to speech planning and are organized in two simultaneous planes: one focused on syntactic-semantic planning, centered on grammatical structure and content, and the other focused on morphological-lexical planning, related to word choices, with emphasis on the specific gestural counterpart of these planes, since, in the syntactic-semantic plane, the iconic-rhythmic gestures stood out and, in the lexical-morphological plane, the deictic-rhythmic ones, acting in a pluridimensional way. Keywords: hesitation; children's narratives; gesture-vocal matrix; multisemiosis; language acquisition.

Introdução

O interesse pela gestualidade como fenômeno linguístico é fato recente. Com efeito, durante boa parte da história dos estudos da Linguística, o gesto era considerado um aspecto não-linguístico da comunicação humana. A última década do século XX é apontada como início desse movimento teórico em direção ao gesto, acompanhado da adesão à perspectiva de "matriz gesto-fala", que postula uma integração linguística entre gesto e fala (McNeill, 1985).

Na perspectiva multimodal da linguagem, gestos e fala são organizados e sincronizados entre si (Kendon, 2000; Butcher; Goldin-Meadow, 2000), sendo considerados como semântica e pragmaticamente coexpressivos (McNeill, 2000). Nas dinâmicas interativas, as produções gestuais (plano cinético) e as vocais e verbais (plano audível) na matriz da linguagem estão na base da construção de sentido dos enunciados linguísticos dos sujeitos, com ou sem transtornos de linguagem.

Nesse sentido, todo enunciado linguístico contempla, de forma integrada, padrões de vocalização, entonação, pausas e ritmicidades que se apresentam não só de forma audível, mas também cineticamente a partir de movimentos faciais (incluindo os dos olhos, das pálpebras, das sobrancelhas, bem como os da boca) e de padrões de ação por parte da cabeça, mãos e corpo, tal como propõe Kendon (2000). De acordo com essa visão, consideramos que o enunciado linguístico é composto por diversas semioses que coatuam no funcionamento multimodal da linguagem.

Para a discussão relacionada aos gestos e aos movimentos corporais, destacamos estudos como os de McNeill (1985, 2000), Cavalcante *et al.* (2016), Cavalcante (2019), que entendem o gesto como contraparte da produção vocal. Desse modo, tais semioses não podem ser vistas separadamente, pois se estruturam como um sistema integrado de significação, conforme sugerem McNeill (1985, 1992), Kendon (2000), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009), Cavalcante; Brandão (2012); Fonte *et al.* (2014).

Para Goldin-Meadow (1993), os gestos oferecem um caminho adicional de expressão expandindo a gama de ideias que são capazes de manifestar. Sabemos que as crianças exploram a modalidade gestual desde muito cedo; desse modo, os gestos, bem como os movimentos corporais, coatuam com as produções de palavras.

Em um movimento recente na teorização acerca da matriz gestuo-vocal na aquisição da linguagem, vimos aprofundando a concepção de matriz. Se, em nossos primeiros trabalhos (Cavalcante, 2009; Cavalcante; Brandão, 2012; Cavalcante; Barros; Silva; Ávila Nóbrega, 2015), caracterizamos a coatuação como *matriz 'gesto-fala'*, numa adesão à perspectiva de McNeill (1985), pouco a pouco vimos assumindo a nomenclatura matriz 'gesto-vocal' ou 'gestuo-vocal' [...] por trabalharmos com uma noção mais ampliada de 'fala' enquanto composta por diversas instâncias de semioses" (Fonte; Barros; Cavalcante, 2021, p. 203). Tal mudança vem se dando pela compreensão de que "[...] o conceito de fala foi-se ampliando e se afastando de uma noção *estrita* de fala como sequência de sons de uma língua, para uma noção *larga* de fala enquanto estruturada multissemioticamente com a presença da gestualidade e da produção sonora" (Fonte; Barros; Cavalcante, 2021, p. 204).

Acrescentamos que essa matriz se estrutura em torno de um arcabouço gestuo-vocal sustentado nas pautas: gestual, aí incluído o olhar; e prosódica, que envelopa o que vem a se chamar de matriz multissemiótica de produção de sentido.

Interessa-nos analisar as gesticulações, que, segundo McNeill (2000), são gestos que acompanham o fluxo da fala, precisam da fala para surgir, não são convencionais, relacionam-se às marcas individuais de cada falante e incluem movimentos de braços, de cabeça, de pernas, ou seja, todos os movimentos corporais que ocorrem concomitantemente com a fala. Na gesticulação, surgem dimensões gestuais como

os gestos dêiticos, icônicos, ritmados, metafóricos e coesivos, tal como aponta McNeill (1992), e que visualizamos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Dimensões gestuais segundo McNeill (1992)

Gestos	Definição
Gestos Icônicos	estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, delineiam formas de objetos ou ações, estabelecendo com o referente uma relação de metonímia, por exemplo, quando uma pessoa demonstra um objeto físico usando as mãos para mostrar seu tamanho.
Gestos Dêiticos	são os demonstrativos ou direcionais, geralmente acompanham as palavras como “aqui”, “lá”, “isto”, “eu” e “você”, podem ser representados pelos movimentos de apontar.
Gestos Metafóricos	são parecidos em sua superfície com os gestos icônicos, contudo, possuem a particularidade de referirem expressões abstratas, por exemplo, configuração da mão em cacho, fechado, aberto ou semi aberto, ao produzir expressões no discurso em que se quer dar ênfase, por exemplo quando o falante faz referência à “aquisição da linguagem” e apresenta a mão nessa configuração, como se quisesse demonstrar com o gesto a noção de aquisição da linguagem.
Gestos Ritmados	são nomeados assim porque aparecem como o tempo da batida musical; as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala, marcando, por exemplo, mudanças no discurso, ou realçando um determinado momento do discurso.

Fonte: Elaboração própria

A partir dessa perspectiva, tomamos como lócus as hesitações produzidas por crianças entre dois e cinco anos, em contexto narrativo de reconto de filme de animação. O interesse surgiu a partir de questões postas em trabalhos como os de Mayberry e Jaques (2000), que, ao estudarem indivíduos com gagueira crônica, constataram que, em alguns casos, durante a disfluência, a gesticulação é interrompida e retorna após a recuperação da fluência da fala. Logo, a produção do gesto está vinculada à produção da fala fluente, comprovando a hipótese de sistema gesto-fala integrado. Também Fonte e Costa (2017) destacam como as gesticulações estão alteradas ou ausentes durante a disfluência, caracterizada por repetições, bloqueios ou prolongamentos de fonemas na fala do sujeito com gagueira, confirmando a premissa de que gesto e fala estão interligados na matriz da linguagem.

Para isso, adotamos a vertente enunciativo-discursiva, na perspectiva concebida por Nascimento e Chacon (2018), Chacon e Vilega (2012), dentre outros, que concebem “[...] as hesitações [...] como marcas das negociações do sujeito com os *outros* constitutivos

do (seu) discurso. Privilegiadamente, o *outro* constitutivo para o qual as investigações do GPEL³ têm se voltado é a própria língua, em sua complexidade" (Chacon; Vilega, 2012).

Seguindo a proposta de Chacon e Vilega (2012, 2015), adotaremos sua caracterização das marcas de hesitação, baseada em trabalhos de Marcuschi (1999), a saber:

[...] pausas silenciosas – percebidas, auditivamente, como silêncios, prolongados ou não, que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe; alongamentos hesitativos – aumento de duração de segmentos da fala, geralmente dos segmentos vocálicos em final de palavra e principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas; repetições hesitativas – reduplicação de uma sílaba, de palavras, de grupos de palavras ou de frases, podendo essas reduplicações incidir tanto sobre itens funcionais quanto sobre itens lexicais; interrupções – cortes após a emissão de qualquer segmento linguístico, seja ele fonético-fonológico, lexical ou sintático, podendo ser retomado ou não na sequência da produção do enunciado (Chacon; Vilega, 2012, p. 85).

Tal como Vilega (2020), nos aproximamos de Goldman-Eisler (1961), para quem as hesitações se relacionam com o planejamento da fala e se organizam em dois planos simultâneos: um com foco no planejamento sintático-semântico, centrado na estrutura gramatical e dos conteúdos; o outro com foco no planejamento morfológico-lexical, relacionado a escolhas de palavras. Dito de outro modo, nos aproximamos dessa perspectiva e do aprofundamento que dela é feito em Vilega e Chacon (2021, p. 7), com destaque ao fato de que "[...] as hesitações não se mostram de forma aleatória, já que tendem a ocorrer em pontos fonológicos mais fracos da fala tanto em suas unidades menores, quanto em suas unidades maiores."

A proposta nos permite olhar, a partir da matriz multissemiótica de produção de sentido, como as hesitações vão se materializando nas narrativas infantis de reconto. A escolha pelas narrativas se deu também por compreendê-las tal qual Benjamin (1993, p. 221), para quem "[...] a narrativa não é produto exclusivo da voz", mas também do corpo, uma vez que o narrar envolve movimentos manuais que intervêm decisivamente no modo como o fato é narrado e que, ainda, sustentam, de muitas formas, o fluxo da fala". Sabemos que, além dos movimentos realizados com a mão, a criança movimenta o corpo como um todo e interage utilizando variadas semioses (De Almeida, 2018). Além disso,

Toda narrativa é, por princípio, interação [...] No caso da narração oral de histórias vivenciadas pessoalmente no marco de 'contatos face a face', o ouvinte não é um receptor (relativamente) passivo, e sim parceiro (relativamente) ativo da interação,

3 Grupo de Pesquisa sobre a Linguagem/CNPq, coordenado por Lourenço Chacon (Unesp/São José do Rio Preto).

pois, em seu papel de ouvinte, ele tem interesses a manifestar, perguntas a fazer, avaliações a apresentar, que se tornam diretamente relevantes para a construção do processo narrativo (Schutze, 2014, p. 14).

Nesse sentido, a narrativa é multissemiótica e se estrutura na e pela interação com o interlocutor, como veremos no mapeamento do *corpus* escolhido.

Material e métodos

Nosso objetivo geral consistiu em compreender o funcionamento das disfluências, com ênfase nas hesitações, presentes na produção gestual e falada de crianças com desenvolvimento típico de linguagem, especificamente em contexto dialógico de reconto de filme, buscando mostrar como se materializam tanto no modo de enunciação falado quanto no modo de enunciação gestual. Tivemos como objetivos específicos: mapear os contextos de emergência da disfluência nos planos falado e gestual; mostrar como as disfluências, indicadas por hesitações, se materializam nesses contextos, bem como seu papel para a interlocução; observar com que marcas linguísticas as hesitações se mostram nesses momentos (a saber, por meio de: pausas silenciosas; pausas preenchidas; alongamentos hesitativos; gaguejamentos; repetições hesitativas; interrupções); observar quais dimensões de gestos (icônico; dêitico, metafórico, ritmado) se associam aos momentos hesitativos; observar possível sincronia fala/gesto nos momentos de disfluências mostrados por hesitações.

O *corpus* utilizado foi originalmente coletado para tese produzida por De Almeida (2018), já transcrito, e doado ao conjunto de dados do Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita o LAFE⁴, o qual passaremos a descrever. Há dois planos de organização dos dados: (1) o da constituição de todo o banco: dados de 25 crianças na faixa etária entre 2 e 6 anos de idade, distribuídas em cinco grupos com base na faixa etária. Nessa faixa, o grupo A foi composto por crianças de 2 anos; o grupo B, por crianças de 3 anos; o grupo C, por crianças de 4 anos; o grupo D, por crianças de 5 anos; e o grupo E, por crianças de 6 anos. O total da amostra foi de 14 meninos e 11 meninas; (2) o do recorte específico para a presente pesquisa, que consistiu em dados de cinco crianças, uma de cada grupo: A: H.Q. (2;1); B: J.P. (3;3); C: G.B. (4;0); D: G.S. (5;4); E: V.C. (6;9).

A coleta dos dados ocorreu da seguinte forma: a pesquisadora convidava a criança a assistir a um filme de animação (vídeo-estímulo) e, em seguida, recontar o que tinha assistido para um familiar adulto que não tivesse assistido ao filme. O familiar adulto era encorajado a fazer perguntas e dar sustentação ao reconto da criança. As sessões de coleta por criança tiveram duração média de 30 minutos, toda coleta ocorreu ao longo de dois meses. O filme escolhido para ser o vídeo-estímulo foi *Pingu*, um desenho animado. A

4 Sediado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob nossa coordenação. Protocolo CEP: 0438/16.

escolha inspirou-se em McNeill e Levy (1993), que sugerem apresentar aos interlocutores um desenho com bastante ação, o que levaria as crianças, conseqüentemente, a fazerem uso de gestos para narrar o que assistiram.

O vídeo-estímulo

Criado por Otmar Gutmann e produzido de 1986 a 2000 para a televisão suíça, *Pingu* é um desenho animado do gênero comédia, feito em argila, que mostra uma família de pinguins antropomórficos que mora no Polo Sul. O personagem principal é o filho, Pingu, um pinguim curioso e animado, que sempre se mete em confusão. A língua falada no desenho é o pinguinês, língua inventada que consiste em balbucios, resmungos e o característico som alto de corneta “*noot noot*” acompanhado do bico de Pingu em formato de megafone.

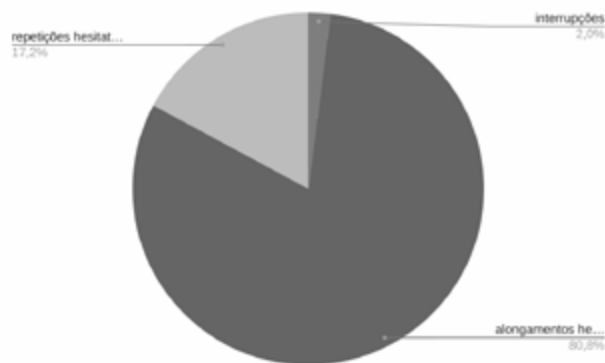
Para transcrição dos dados, foi utilizado o *software Eudico Linguistic Annotator*, mais conhecido como ELAN, uma ferramenta profissional que possibilita a criação de anotações, edição, visualização e busca de anotações por meio de dados de vídeo e áudio simultaneamente. O ELAN permite a transcrição e as anotações das análises em linhas denominadas de trilhas. A criação dessas trilhas e suas nomeações são determinadas pelo pesquisador/transcritor. Essas trilhas permitem as anotações de determinado registro no tempo exato e, caso necessária, alguma alteração, sem perda de anotações anteriores ou subsequentes.

Resultados e discussão

Mapeamento das hesitações multissemióticas

O levantamento dos dados propiciou o reconhecimento de um funcionamento multissemiótico em relação às hesitações produzidas nas narrativas recontadas pelas crianças na interação com o adulto. Partimos da identificação das hesitações e a contraparte gestual presente no momento da produção vocal hesitativa. Foram analisadas 5 crianças, uma para cada faixa etária, cuja presença das hesitações é mostrada nos gráficos abaixo:

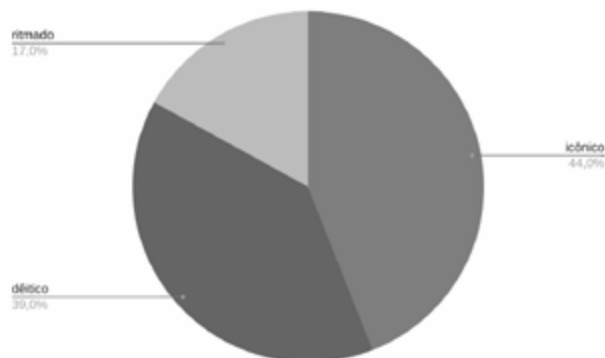
Gráfico 1. Hesitações criança H.Q. (2, 1)



Fonte: Elaboração própria

O gráfico 1 acima apresenta a presença de 2% de rupturas, 17% de repetições hesitativas e 81% de alongamentos hesitativos. Não houve presença de pausas silenciosas.

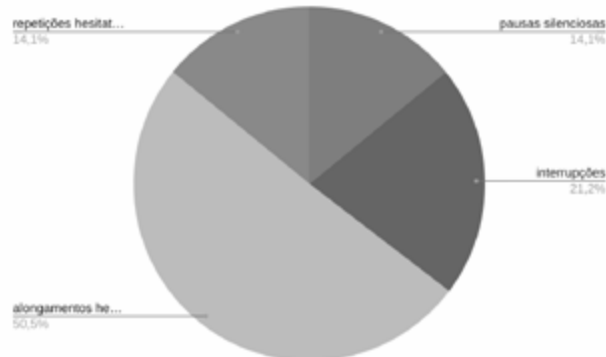
Gráfico 2. Gestos criança H.Q. (2,1)



Fonte: Elaboração própria

Em relação aos gestos, observamos: ritmados (17%); dêiticos (39%); e o predomínio de icônicos (44%). Vale destacar a ocorrência, nos ritmados, de um funcionamento pluridimensional: ritmados-icônicos (56%); ritmados-dêiticos (33%); e ritmados-metafóricos (11%).

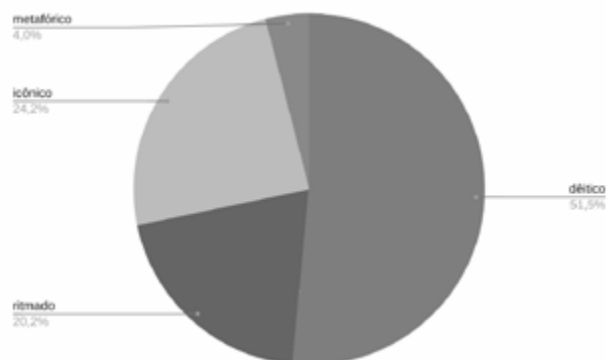
Gráfico 3. Hesitações criança J.P. (3,3)



Fonte: Elaboração própria

Em relação às hesitações, observamos: presença predominante de 50,5% de alongamentos hesitativos; 21,2% de rupturas; concomitância de 14,1% de pausas silenciosas e repetições hesitativas.

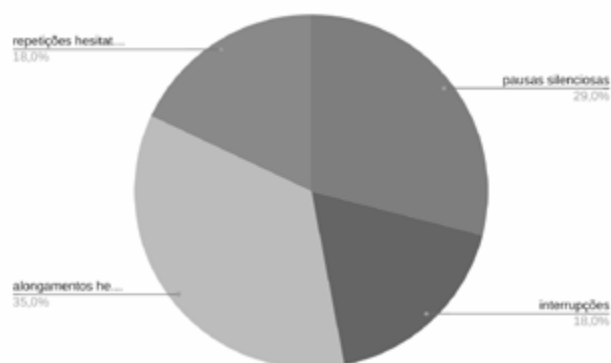
Gráfico 4. Gestos criança J.P. (3,3)



Fonte: Elaboração própria

Com relação aos gestos, observamos: dêiticos (51,5%); icônicos (24,2%); ritmados (20,2%); e metafóricos (4%). Nos ritmados temos pluridimensões: ritmados-dêiticos (55%); e ritmados-icônicos (45%).

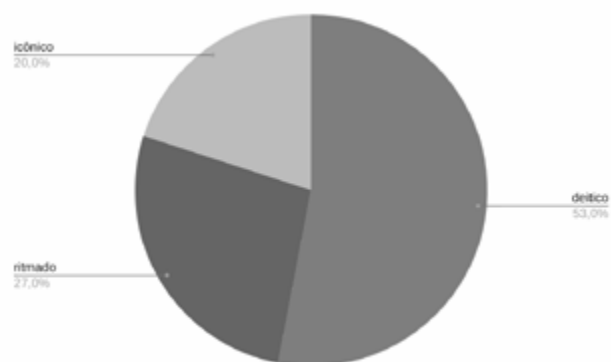
Gráfico 5. Hesitações criança G.B.(4,0)



Fonte: Elaboração própria

Com relação às hesitações: alongamentos hesitativos (35%); pausas silenciosas (29%); repetições hesitativas (18%) e interrupções (18%).

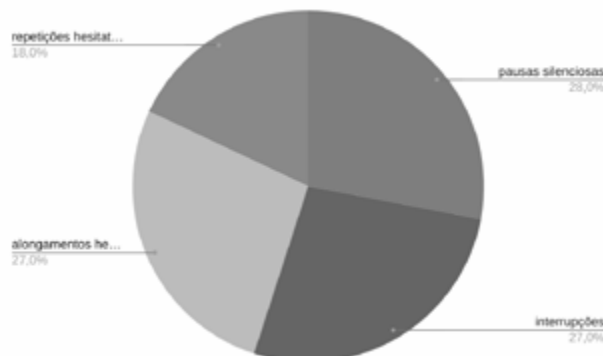
Gráfico 6. Gestos criança G.B. (4,0)



Fonte: Elaboração própria

Com relação aos gestos, observamos: dêiticos (53%); ritmados (27%); e icônicos (20%). No caso dos ritmados, esses apresentaram um funcionamento pluridimensional: ritmado-dêitico (37%); e ritmado-icônico (63%).

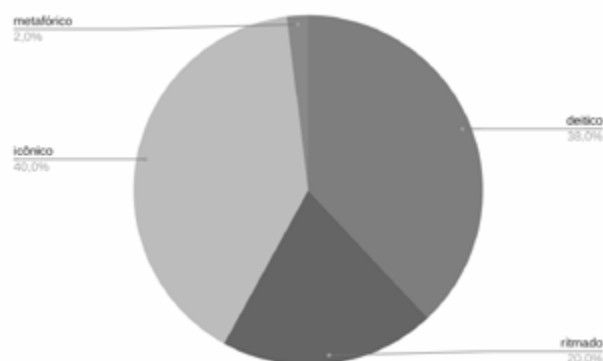
Gráfico 7. Hesitações criança G.S. (5,4)



Fonte: Elaboração própria

Em relação às hesitações: pausas silenciosas (28%); alongamentos hesitativos (27%) e interrupções (27%); 18% de repetições hesitativas.

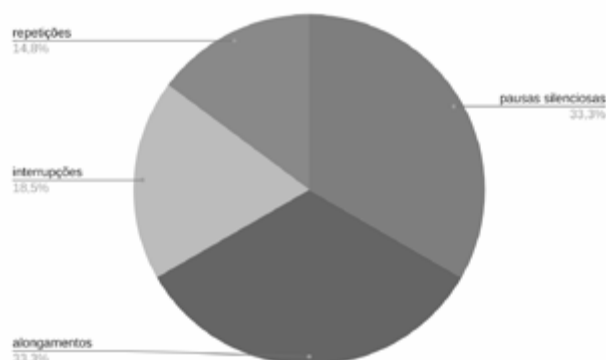
Gráfico 8. Hesitações criança G. S. (5,4)



Fonte: Elaboração própria

Nos gestos, observamos: icônicos (40%); dêiticos (38%); ritmados (20%); e metafóricos (2%). Em relação aos ritmados, há pluridimensionalidade com ritmados-icônicos (65%) e ritmados-dêiticos (35%).

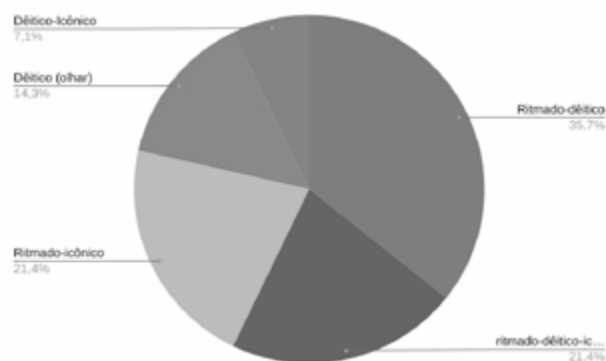
Gráfico 9. Hesitações criança V.C. (6,9)



Fonte: Elaboração própria

Em relação às hesitações: alongamentos hesitativos (33,3%); pausas silenciosas (33,3%); interrupções (18,5%); repetições (14,8%).

Gráfico 10. Gestos criança V.C. (6,9)



Fonte: Elaboração própria

Com relação aos gestos, encontramos pluridimensionais: ritmado-dêitico (35,7%); ritmados-icônicos (21,4%); ritmado-dêitico-icônico (21,4%); e dêitico-icônico (7,1%). E Quanto a unidimensionais, encontramos dêitico (olhar) 14,3%.

Seguem-se tabelas panorâmicas com as categorias mapeadas nos gráficos:

Tabela 1. Idade X tipos de hesitação

Idades	2,1	3,3	4,0	5,4	6,9
alongamentos hesitativos	80,8%	50,5%	35%	27%	33,3%
pausas silenciosas	0%	14,1%	29%	28%	33,3%
repetições	17,2%	14,1%	18%	18%	14,8%
interrupções	2%	21,2%	18%	27%	18,5%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2. Idade X Dimensões gestuais

Idades	2,1	3,3	4,0	5,4	6,9
Ritmados	17%	20,2%	27%	20%	78,56%
dêiticos	39%	51,5%	53%	38%	14,3%
Ícônicos	44%	24,2%	20%	40%	0%
Metafóricos	0%	4%	0%	2%	0%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3. Idade X Pluridimensões gestuais

Idades	2,1	3,3	4,0	5,4	6,9
Ritmados- icônicos	56%	45%	63%	65%	21,4%
Ritmados - dêiticos	33%	55%	37%	35%	35,7%
Ritmados-metafóricos	11%	0%	0%	0%	0%
Ritmados -dêiticos-Ícônicos	0%	0%	0%	0%	21,4%
Dêitico-icônico	0%	0%	0%	0%	7,1%

Fonte: Elaboração própria

Os resultados destacam a presença das hesitações ao longo de todas as faixas etárias, com percentuais diferenciados nos dois primeiros anos, principalmente em relação aos alongamentos hesitativos, com 80,8% (2,1) e 50,5% (3,3). Os demais tipos de hesitação surgem em porcentagens menores, como mostra a Tabela 1, em que temos pausas silenciosas ausentes aos 2 anos e interrupções (com apenas 2%) aos 2 anos. Observa-

se a preferência pelos alongamentos hesitativos como estratégia principal. É importante destacar que, aos 2 anos, na produção vocal da criança analisada neste recorte, há predominância de holófrases e de jargões no preenchimento vocal da narrativa. São pontuais os blocos de enunciados presentes. Logo, a predominância pelo alongamento hesitativo pode estar relacionada ao uso vocal disponível pela criança.

Mostram, ainda, que ao longo das idades o alongamento é o tipo hesitativo mais frequente, como mostra a Tabela 1: 80,8% (2,1); 50,5% (3,3); 35% (4,0); 33,3% (6,9). As pausas silenciosas são a segunda categoria mais frequente ao longo das idades: 29% (4,0); 28% (5,4); e 33,3% (6,9). As interrupções e repetições hesitativas apresentam tendência ao equilíbrio ao longo das idades, com porcentagens em torno de 17-18%, entre os 4,0 e 6,9 anos.

Em relação à contraparte gestual das hesitações, temos uma predominância de gestos dêiticos, icônicos e ritmados ao longo das faixas etárias – a presença de gestos metafóricos é pontual ao longo das faixas etárias. Chama a atenção a natureza pluridimensional que os gestos assumem: no caso dos ritmados, eles fazem composição com os icônicos e os dêiticos, de maior predominância, como mostra a Tabela 3. São cinco tipos de composição e, em quatro delas, há a presença do gesto ritmado.

Um olhar qualitativo acerca dos planos em uma narrativa infantil

A título de exemplificação, apresentamos a transcrição da narrativa da criança V.C. (6;9), do grupo E, sexo masculino, em diálogo com sua mãe (M). As marcas linguísticas das hesitações observadas foram: pausa silenciosa (+); pausa preenchida (éh, áh, *hum*); alongamento hesitativo (:); repetição hesitativa (*palavras repetidas*); e interrupções (/). Os pontos sublinhados correspondem aos momentos de hesitação:

Narrativa de reconto

M. fala como é o episódio

V.C. éh assim + éh: [Dêitico-ritmado] pingu começa a fazê (inc.) ai: [Dêitico-ritmado] aquele amigu deli

M. hum

V.C. acertô dois (inc.) na cara deli + ai depois + ele/pi ai/pi [dêitico-ritmado-icônico] pingu jogô várias e u amigu dizia + ai + eli [dêitico-ritmado-icônico] rola assim hum: [dêitico-icônico] eli faz uma bola piquena + ai vai rolandu assim, até ela ficá bem grandí

M. eita caramba

V.C. ai: + u/us [olhar dêitico para cima e lado] dois subiram uma: [ritmado-icônico] ladêra

M. Hum

V.C. Aí+ [dêitico-ritmado] a bola ficô tão grandi qui/aí [olhar dêitico para cima e lado] quandelis chegaram lá em cima a bola iscurrêgô e aí aquele amigu di pingu + foi rolandu juntu cum a bola

M. u bichinhu

V.C. aí: + [dêitico-ritmado] a midida quela: [dêitico-ritmado-icônico] ia passanu pela cidadi+

M. sim

V.C. ia peganu mais coisa + iajuntanu+ aí canu chegô pertu du carteiro qui tinha um negocinho + a: + das cartas + [ritmado-icônico]

M. Hum

V.C. pingu butô um/neg/ um:a:: um [ritmado-icônico] negocinhu assim: aí abola subiu i caiu nu chão aí: [dêitico-ritmado] tudu si dismanchô + ia bola si quebrô:+

M. pingu é muito levado, né?

Uma análise quantitativa mostra predominância de momentos hesitativos relacionados ao plano sintático-semântico, 78,6%, enquanto momentos hesitativos relacionados ao plano morfológico-lexical aparecem em 21,4%.

No quadro a seguir, mostramos a classificação das hesitações presentes na narrativa de reconto:

Quadro 2. Relação planos e gestos

Plano sintático-semântico	Gestos	Plano morfológico-lexical	Gestos
+ éh:	ritmado-dêitico	uma:	ritmado-icônico
aí:	ritmado-dêitico	+ a: + das cartas +	ritmado-icônico
+ ele/pi aí/pi	ritmado-dêitico-icônico	um/neg/ um:a:: um	ritmado-icônico
+ aí + eli	ritmado-dêitico-icônico		
hum:	dêitico-icônico		
aí: + u/us	dêitico (olhar)		
Aí+	ritmado-dêitico		

qui/aí	dêitico (olhar)		
aí: +	ritmado-dêitico		
quela:	ritmado-dêitico-icônico		
aí: aíí	ritmado-dêitico		

Fonte: Elaboração própria

Um dado interessante dos resultados diz respeito à contraparte gestual característica de cada um dos planos. No caso do morfológico-lexical, os gestos foram ritmados-icônicos; já no caso do sintático-semântico, predominaram os gestos ritmados-dêiticos, seguidos dos ritmados-dêitico-icônicos e dos dêiticos. Um dado interessante é que no plano sintático-semântico a produção gestual ocorre, predominantemente, de modo síncrono e simultâneo, já no plano morfológico-lexical a produção gestual ocorre síncrona mas não simultânea, o gesto iniciava antes da contraparte vocal, antecipando marcas do referente.

Quanto à complexidade das marcas hesitativas em relação aos referentes, destaca-se a presença das interrupções, repetições e pausas silenciosas junto a gestos pluridimensionais (exemplo 1) e pausas silenciosas, alongamentos e gestos pluridimensionais (exemplo 2), no plano sintático-semântico, como em:

Ex. 1: aí depois + ele/pi aí/pi [ritmado-dêitico-icônico] pingu jogô várias

Ex. 2: + aí: + eli [ritmado-dêitico-icônico] rola assim

Já no plano morfológico-lexical, observam-se pausas silenciosas, alongamentos e gestos pluridimensionais (exemplo 3) e, ainda, interrupções, repetições e alongamentos (exemplo 4):

Ex.3: qui tinha um negocinho + a: + das cartas + [ritmado-icônico]

Ex.4: um/neg/ um:a: um [ritmado-icônico] negocinhu assim:

Vale salientar que, no plano sintático-semântico, diante de dois referentes possíveis na narrativa, Pingu e o amigo, além de uma complexidade de marcas hesitativas, a pluridimensionalidade se dá com 3 gestos (ritmado-dêitico-icônico), mostrando a construção complexa que envolve esse contexto hesitativo.

Considerações acerca dos resultados e da discussão

Em relação aos gestos nas hesitações, os gestos metafóricos aparecem pontualmente aos 3 e 5 anos. A literatura na área (Cavalcante, 2009) tem demonstrado que esses surgem em idades mais avançadas, pois envolvem momentos de explicações mais conceituais. Sua presença, em nossos dados, surge aos 3 anos com a contraparte vocal jargonizada, levantando a possibilidade de estar relacionada ao plano da forma. Em outras palavras, a criança quer preencher a narrativa, mas ainda não dispõe de elementos linguísticos suficientes na sua produção. Desse modo, faz uso de fragmentos recortados de momentos de interação que envolveram narrativas nos quais o recorte gestual (gesto metafórico e vocal – jargão) preenche a porção discursiva.

A presença dos gestos ritmados compondo pluridimensões com os gestos icônicos e dêiticos corrobora McNeill (1992), para quem os gestos funcionam em dimensões que podem se sobrepor. Os gestos icônicos e dêiticos predominam na narrativa, uma vez que, nesse gênero, representam-se porções discursivas e são situadas personagens e suas ações ao longo do discurso. Corrobora-se, assim, Cavalcante e colaboradores (2021), ao analisarem a relação *gesto e gênero discursivo* em crianças de culturas distintas e mesma língua materna. Ressalte-se, porém, que a presença da dimensão ritmada se mostrou como uma característica dos momentos hesitativos, porque ou eles se articulam com os dêiticos ou com os icônicos, co-produzindo a hesitação.

Em relação à noção de matriz gesto-vocal e as hesitações, discutir a passagem da noção de multimodalidade para a noção de multissemiótica, tomando as hesitações como lugar privilegiado de observação, mostrou-se relevante, na medida em que as hesitações indiciam o conflito do sujeito e suas dispersões na linguagem.

Identificar nos pontos de fala infantil em que emergem as hesitações sua dimensão gestuo-vocal proporcionou observar sua não aleatoriedade, já que tal dimensão se mostrou relacionada a planos linguístico-discursivos como os sintático-semântico e lexical. Descrever como opera a matriz gestuo-vocal nesses pontos (simultânea, síncrona) possibilitou verificar se os tipos de hesitação estão relacionados a funcionamentos específicos da matriz.

Como vimos, tomar a hesitação como lugar privilegiado para observar o conflito do sujeito e suas dispersões na linguagem possibilita ver o efeito da matriz multissemiótica na produção de sentido.

Agradecimentos

A pesquisa da autora Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante é financiada pelo CNPq através de Bolsa PQ/CNPq.

Referências

ÁVILA-NÓBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. O envelope multimodal em Aquisição de Linguagem: momento do surgimento e pontos de mudanças. *In*: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de. (org.). *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v. 1, p. 11-44.

BENJAMIN, W. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1993.

BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one-to-two-word speech: when hand and mouth come together. *In*: McNEILL, D. (ed.). *Language and gesture*. Spain: Cambridge University Press, 2000.

CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações*, Recife, v. 21, p. 153-170, 2009.

CAVALCANTE, M. C. B. Perspectiva Multimodal da Aquisição da Linguagem. *In*: MOTA, M. B.; NAME, C. (org.). *Interface linguística e cognição: contribuições da Psicolinguística*. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2019. v. 1, p. 67-88.

CAVALCANTE, M. C. B.; BRANDÃO, L. P. Gesticulação e fluência: contribuições para a aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 1, 2012.

CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, A. T. M. C. ; SILVA, P. M. S.; ÁVILA-NÓBREGA, P. V. Gestualidade como uma pista importante da fluência infantil. *Prolíngua*, João Pessoa, v. 10.1, p. 43-50, 2015.

CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, A. T. M. de C.; SOARES da SILVA, P. M.; ÁVILA-NÓBREGA, P. V. Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 45, p. 411-426, 2016.

CHACON, L. Aspectos semântico-discursivos das hesitações em enunciados de parkinsonianos: resultados e desdobramentos *In*: CHACON, L. *Perspectivas multidisciplinares em Fonoaudiologia: da avaliação à intervenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 93-113.

CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de; SILVA, P. M. S.; BEZERRA, J. T. Análise da multimodalidade no gênero receita culinária em vídeos de fala infantil de um corpus intercontinental. *Revista Diadorim*, v. 23, n. 1, p. 245-272, 2021.

CHACON, L.; VILLEGAS, C. C. S. Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, p. 81-95, 2012.

CHACON, L.; VILLEGAS, C. C. S. Language acquisition: hesitations in the question/answer dialogic pair. *CoDAS*, v. 27, p. 73-79, 2015.

DE ALMEIDA, A. T. M. de C. B. *A matriz gesto-fala em narrativas multimodais infantis*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FONTE, R. F. L.; BARROS, A. T. M. C.; SOARES, P. M. M.; CAVALCANTE, M. C. B. A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS, I. B. do R.; EFKEN, K. H.; ACIOLI, M.; AZEVEDO, N.; FONTE, R. F. L.; CAIADO, R.; CAVALCANTE, W. (org.). *Aquisição, desvios e práticas de linguagem*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. v. 1, p. 11-26.

FONTE, R. F. L.; COSTA, N. Q. Fluência/disfluência na gesticulação e na fala de sujeitos com gagueira. *Revista ProLíngua*, v. 12, p. 17-26, 2017.

FONTE, R. F. L. da; BARROS, I. B. R.; CAVALCANTE, M. C. B. Perspectiva enunciativa-multimodal nos estudos sobre aquisição e transtornos de linguagem. In: CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, I. B. do R.; MATZENAUER, C. (org.). *Linguagem: aquisição da Fala e da Escrita*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021. v. 1, p. 197-228.

GOLDIN-MEADOW, S. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children of hearing parents". In: GIBSON, K. R.; INGOLD, T. (ed.). *Tools, Language and Cognition in Human Evolution*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1993.

GOLDMAN-EISLER, F. Hesitation and Information in Speech. In: CHERRY, C. (org.). *Information Theory: fourth London Symposium*. London: Butterworths, 1961. p. 162-174.

KENDON, A. The Study of Gesture: some remarks on its history. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry*, v. 2, p. 45-62, 1982.

KENDON, A. Language and Gesture: Unity or Duality? In: McNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.

MARCUSCHI, L.A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1999. p. 159-194.

MAYBERRY, R.; JAQUES, J. Gesture production during stuttered speech: insights into the nature of gesture-speech integration. In: McNEILL, D. (ed.), *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 199- 214.

McNEILL, D. So you think gestures are nonverbal?. *Psychological Review*, v. 92, n. 3, p. 350-371, jul. 1985.

McNEILL, D. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

McNEILL, D. Introduction. In: McNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2000.

McNEILL, D.; LEVY, E. T. Cohesion and Gesture. *Discourse Processes*, v. 16, n. 4, p. 363-386, 1993.

NASCIMENTO, J. C.; CHACON, L. Uma abordagem não-dicotomizante das questões de linguagem na Doença de Parkinson: as hesitações. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, n. 2, p. 452-471, 2018.

SCHÜTZE, F. Análise sociológica e linguística de narrativas. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 2, p. 11-52, 2014.

VILEGA, C. de C. S. *Hesitações e constituintes prosódicos na fala infantil*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2020.

VILEGA, C. de C. S.; CHACON, L. Hesitações e proeminência relativa em constituintes prosódicos na fala infantil. *CODAS*, v. 34, n. 2, p. 1-8, 2021.